

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**  
**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

**Interacções entre os Actores Sociais no Processo de Desenvolvimento**  
**Local: O caso da Alocação dos “Sete Milhões” de Meticais na Aldeia de**  
**Javanhane, Guijá**

**Autor:** Edson Inácio Mugabe

**Supervisor:** Mestre Hélder Nhamaze

**Oponente:** Mestre Agostinho Manganhele

**Presidente:** Marta Langa

Maputo, Novembro de 2012

**Interacções entre os Actores Sociais no Processo de Desenvolvimento  
Local: O caso da Alocação dos “Sete Milhões” de Meticais na Aldeia de  
Javanhane, Guijá**

(Requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia pelo  
Departamento de Arqueologia e Antropologia)

**Autor:** Edson Inácio Mugabe

**Supervisor:** Mestre Hélder Nhamaze

---

---

**Oponente:** Mestre Agostinho Manganhele

---

**Presidente:** Marta Langa

---

Maputo, Novembro de 2012

## **Declaração**

Declaro que este trabalho nunca foi apresentado, na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicados no texto e na Bibliografia as fontes utilizadas para a produção do trabalho.

O Autor

---

(Edson Inácio Mugabe)

*À memória da minha mãe Eugénia Fátima Da Conceição*

*Especialmente à família do meu Pai (Família Mugabe)*

## **Lista de Acrónimos**

BI- Bilhete de Identidade

CC- Conselhos Consultivos

FDD- Fundo de Desenvolvimento Distrital

FIIL- Fundo de Investimento de Iniciativas Locais

FRELIMO- Frente de Libertação de Moçambique

LOLE- Lei dos Órgãos Legais de Estado

MCC- Membros do Conselho Consultivo

MDM- Movimento Democrático de Moçambique

MPD- Ministério de Planificação e Desenvolvimento

OCE- Órgãos Central de Estado

OIIL- Orçamento de Investimento de Iniciativa Local

OLE- Órgãos Local de Estado

ONG- Organizações Não Governamentais

PNUD- Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento

RELOLE- Regulamento da Lei dos Órgãos Legais de Estado

UEM- Universidade Eduardo Mondlane

## **Agradecimentos**

Para a elaboração deste trabalho, recorri a várias pessoas, directa e/ou indirectamente, das quais mostraram-se sempre aptas a dar o seu apoio. É pela colaboração destas, que expresso o meu sincero obrigado a todos os que colaboraram comigo para a concretização deste trabalho.

Agradeço a:

- Todos os Docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia da UEM que estiveram sempre presentes e engajados na transmissão do conhecimento antropológico ao longo dos estudos.

Em particular quero agradecer ao meu supervisor, Dr. Hélder Nhamaze pelo apoio, paciência e acompanhamento dado no processo da elaboração e concepção deste trabalho.

- Todos os meus colegas da antropologia, especialmente aos colegas do meu grupo (António Nhaposse, Efraime Nhabanga, Hélder Amâncio, Mariza Chivangue e Midália Uamba) que partilharam comigo suas ideias, por via de críticas, provocações e sugestões, pois, seu apoio foi muito crucial para a realização deste trabalho.

- Finalmente, quero agradecer especificamente aos membros da família Mugabe e amigos pelo apoio e encorajamento. Obrigado Pai por sempre ter me perguntado “*como vão as aulas, e o trabalho do fim de curso?*”. E obrigado àqueles que sempre se preocuparam em me ver a concluir o curso, sempre com o discurso: “*quando é que vais terminar afinal?*”. Sobre isto, apenas posso dizer obrigado, embora não conheça os motivos da tal preocupação.

## **Resumo**

O presente relatório de pesquisa analisa as interações entre os actores sociais num contexto em que se fala sobre o desenvolvimento dos distritos a partir do Fundo do desenvolvimento Distrital, mais conhecido por “sete milhões” de meticais, na aldeia de javanhane, Distrito de Guijá, província de Gaza. Os “sete milhões” de meticais são um instrumento de interação entre os actores sociais e, neste contexto, são tidos como um instrumento de galvanização do processo de desenvolvimento do país, Moçambique.

Os “sete milhões” foram fundados para assegurar as despesas de investimento de iniciativa local para cada distrito de modo que proporcione a produção de comida, geração de emprego e da renda familiar, consequentemente para o combate a pobreza em Moçambique.

O estudo olha para os “sete milhões” de meticais como um campo no qual se estabelece todo o tipo de interações entre os indivíduos, sejam elas formais ou informais, construindo-se, com isso, categorias identitárias. Neste, levanta-se o questionamento sobre quais as lógicas que estão por detrás das interações entre os indivíduos no processo desenvolvimento.

Para tal, a análise aborda o fenómeno de desenvolvimento como um fenómeno social partindo das análises situacionais e a etnometodologia de Harold Garfinkel (1967) que constituíram-se como um fio condutor teórico desta pesquisa ao permitir compreender o comportamento dos indivíduos nas relações que estabelecem no seu dia-a-dia e o sentido que dão às suas práticas sociais. Recorrendo ao método etnográfico, recolha de dados por via de entrevistas semi-estruturadas e conversas objectivas.

Da pesquisa foi possível afirmar que as lógicas de interação entre os habitantes de javanhane fundam-se na articulação dos aspectos conflitantes e harmoniosos. E segundo, é nas interações intra-grupais que os indivíduos constroem categorias representativas entre eles, assim como, eles são transformados numa máquina de produção do capital económico do país.

**Palavras-Chave:** Desenvolvimento; Desenvolvimento Local; Interação Social; Mudança Social

## Índice

Declaração.....	ii
Lista de Acrónimos .....	iv
Agradecimentos.....	v
Resumo.....	vi
1. Introdução .....	1
1.1. Delimitação do Tema .....	4
1.2. Objectivos de Estudo.....	7
1.2.1. Objectivo Geral .....	7
1.2.2. Objectivos Específicos .....	7
1.3. Problemática.....	7
1.4. Hipótese.....	8
1.5. Justificativa .....	9
1.6. Estrutura do Trabalho.....	10
2. Revisão de Literatura .....	12
2.1. Antropologia e Desenvolvimento.....	12
2.1.1. Abordagem Crítica .....	13
2.1.2. Abordagem Populista .....	15
3. Enquadramento Teórico-Conceptual.....	18
3.1. Discussão Teórica .....	18
3.2. Conceitos e Sua Operacionalização .....	18
Desenvolvimento.....	19
Desenvolvimento Local.....	19
Interacção Social .....	20
Mudança Social .....	20



4. Metodologia .....	22
5. Aldeia de Javanhane.....	25
5.1. Perfil dos Informantes .....	26
6. Relação entre Beneficiários, Não Beneficiários e os Chefes Locais.....	27
7. Processos de Acesso aos Sete Milhões de Meticais .....	30
8. Nihovuku e outros Campos de aplicação do Dinheiro .....	34
9. Considerações Finais.....	38
10.Referências Bibliográficas .....	40
11.Anexos.....	45

## 1. Introdução

O presente relatório de pesquisa está inserido no âmbito da obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia pela Universidade Eduardo Mondlane. Neste trabalho faz-se uma análise do processo de desenvolvimento local, procurando-se compreender como é que os habitantes da Aldeia de Javanhane (Distrito de Guijá, província de Gaza) interagem entre eles, e como é que neste processo de interacção apropriam, reconstroem os ideais de desenvolvimento, e como é que eles constroem as categorias identitárias para a sua auto-representação. O tema consagra-se como, *Interacções entre os actores sociais no processo de desenvolvimento local: o caso da alocação dos “sete milhões” de meticais na aldeia de Javanhane, Guijá.*

A Assembleia da República através da Lei nº12/2005 de 23 de Dezembro aprovou o Orçamento do Estado para o ano de 2006, tendo estabelecido as despesas de investimento de âmbito distrital que culminou com a fixação de um valor de “sete mil milhões” de meticais para cada Distrito (MPD 2009).

Os “sete milhões” de meticais são um valor monetário orçamentado em 300.000 USD disponibilizados pelo Governo de acordo com a Lei nº12/2005 de 23 de Dezembro, inseridos no Programa de Descentralização do Poder económico e financeiro para os Distritos, que culminou com a criação do Fundo do Desenvolvimento Distrital. Eles são produto de um processo de debate político e das actividades que se vinham desenvolvendo nos finais dos anos 90, e têm sua génese em algumas actividades que foram levadas a cabo pelas Organizações Não-Governamentais, como o caso do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Estas Organizações acreditavam que o desenvolvimento local dependia do grau de descentralização e desconcentração de responsabilidades e recursos, participação comunitária na planificação e implementação de actividades do sector público. A implementação dos “sete milhões” de meticais segue dois documentos legais, a Lei dos Órgãos Locais de Estado (LOLE) e o Regulamento da Lei dos Órgãos Locais de Estado (RELOLE) que definem o distrito como uma unidade territorial base para planificação e implementação do orçamento (MPD 2009).

O interesse pelo tema surge, primeiro, das leituras feitas durante as aulas sobre a problemática do desenvolvimento e, segundo, das observações e interação com pessoas que são tidas como participantes no processo de desenvolvimento, e debates nos fóruns políticos e académicos, particularmente sobre o Fundo do Desenvolvimento Distrital (Orçamento de Investimento de Iniciativa Local, vulgo sete milhões de meticais). Várias discussões científicas (*Gardner e Lewis 1996; Moisés 2003; Menezes 1986; Mussane 2002; Parbato 2009; Yañez-Casal 1996; Oliver-Sardan 1995*) foram levadas a cabo em relação ao fenómeno de desenvolvimento como uma realidade, e o desenvolvimento como um processo de mudança social.

Estes estudos preconizaram a compreensão das dinâmicas inter-grupais, onde analisar o desenvolvimento implicaria analisar dois grupos sociais (agentes externos de desenvolvimento vs grupos-alvo) em conflitos e incompatíveis, que precisam juntar os esforços de modo que o processo de desenvolvimento endógeno se concretize. Pouco olharam nas dinâmicas internas dos grupos-alvo, onde implicaria estudar as relações intra-grupais, o que permitiria ir para além da concepção do desenvolvimento numa perspectiva meramente dualista, antagónica e conflitual, mas sim procurar mapear diversas situações sociais de modo que se procure compreender os processos sociais e mecanismos organizacionais.

Um estudo realizado na aldeia de Javanhane em 1996, sobre o desenvolvimento agrícola com enfoque no papel das mulheres (*pela Carla Albino*), mostra que os homens eram a entidade que decidia tudo na sua casa, o processo de desenvolvimento tem de ser levado a cabo por Organizações Não Governamentais, e que a aldeia em si passava situações precárias, pela falta de vias de acesso e falta de insumos agrícolas.

Portanto, as observações e conversas objectivas<sup>1</sup> que tive na aldeia, mostram que o contexto de estudo passou por vários processos de mudança social, económica e política, pois, já tem vias de acesso, os emigrantes para África do Sul criam condições de sobrevivência de suas famílias, e isso chama-nos atenção à valorização das análises situacionais e das interações sociais.

---

<sup>1</sup> Burgess (1997)

Além da pergunta de partida que mais adiante vou anunciar, o estudo teve em conta algumas inquietações como: como é que as pessoas interagem entre elas face a um processo de mudança social? O que as pessoas dizem e fazem em nome dos “sete milhões” de meticais? Qual foi o processo de construção do poder de decisão dos Membros do Conselho Consultivo?

Neste estudo avanço com as seguintes hipóteses interligadas. Primeiro, as lógicas de interacção entre os habitantes de Javanhane fundam-se na articulação dos aspectos conflituantes e harmoniosos. E segundo, é nas interacções intra-grupais que os indivíduos constroem categorias representativas entre eles, assim como, eles são transformados numa máquina de produção do capital económico do país.

A etnografia constitui-se, segundo Peirano (1992), como um instrumento através do qual a ciência antropológica se afirmou e no qual irá garantir a sua sobrevivência, um rito de passagem à qual os antropólogos em formação são submetidos. Por isso, recorri à etnografia. E para a análise dos processos de interacção social entre os habitantes de Javanhane, usei a abordagem qualitativa, na qual me permitiu olhar compreensivelmente os processos sociais, através da recolha de dados por via das conversas objectivas, entrevistas semi-estruturadas, observação directa das diferentes práticas sociais.

Por via dos dados etnográficos, o trabalho procura acrescentar elementos sobre a análise dos processos sociais em fenómenos de desenvolvimento, particularmente, enfatiza o estudo detalhado dos processos sociais dentro de uma abordagem intra-grupal, pois, ela permite compreender as dinâmicas dos grupos sociais, e o impacto dessas dinâmicas em diversos relacionamentos com pessoas de grupos externos.

Em relação às questões acima colocadas, podem ser respondidas a partir das análises situacionais (propostas por Gluckman 1961; e Van Velsen 1987) e a teoria etnometodológica de Harold Garfinkel (1967). As análises situacionais defendem o estudo e compreensão dos comportamentos sociais dentro determinado evento social sem perder de vista as trajectórias históricas dos indivíduos envolvidos.

A etnometodologia defende que as pessoas, mais do que responder aos comportamentos, sentimentos e relações percebidas, respondem às acções e coerções externas, e produzem através destas, símbolos e códigos na sua comunicação. Estas

perspectivas permitem ao pesquisador ascender ao domínio do inconsciente dos seus informantes, de modo que compreenda as *nuance* das lógicas e categorias que se associam à forma como os indivíduos interagem, e permite uma compreensão das particularidades sociais como aquelas que fazem parte do social.

## **1.1. Delimitação do Tema**

O fenómeno do desenvolvimento é recente nos estudos antropológicos, mas a sua problemática é muito antiga, podendo ser compreendido a partir dos estudos realizados pela corrente evolucionista sobre a existência de sociedades lógicas e pré-lógicas, onde as primeiras eram civilizadas encontradas no estágio de civilização, e as segundas não apresentavam um sistema organizado, sendo eles promíscuos, fazendo parte da selvajaria (Yañez-Casal 1996/1991; Gardner e Lewis 1996). Vários estudos antropológicos sobre o fenómeno de desenvolvimento têm se centrado mais nesta lógica dicotómica e antagonista, de grupos ditos com uma lógica formal (agentes externos de desenvolvimento) e outra informal (grupos-alvo).

Segundo Machava (2011), o Fundo de Desenvolvimento Distrital (FDD) é resultado do processo de descentralização de instrumentos de planificação com o objectivo de empoderar as populações locais. O FDD foi aprovada pela Lei dos Órgãos Locais de Estado (LOLE) 8/2003 como um instrumento através do qual se podia estruturar a relação entre os Órgãos Centrais e Locais do Estado. A criação do FDD, visa transferir o poder financeiro e de decisão aos chefes locais, como forma de fazer as populações se sentir parte dos Programas do Governo.

Com a operacionalização da LOLE do Decreto 11/2005, define-se o distrito como “Polo de desenvolvimento”, desenvolvendo-se então o FDD como transformação do Fundo de Iniciativa de Iniciativa Locais (FIIL). Neste contexto, os distritos foram vistos como um ponto fulcral de combate a pobreza distrital, e do país, em geral, onde os Conselhos Consultivos (CC’s) foram doptados de poder de decisão com uma posição importante na avaliação e selecção dos projectos a serem financiados pelo FDD (Forquilha 2009).

Os Conselhos Consultivos servem de representantes dos interesses das suas populações. Esta tendência de descentralização do poder de decisão para os Órgãos Locais revela a ideia de se elaborar políticas de acção a partir das populações a serem beneficiadas de tais programas. Este processo enquadra-se no modelo de desenvolvimento endógeno (down/top).

No artigo 2 do Decreto nº8/2003 consta que o Conselho Local é um Órgão de consulta das autoridades da administração local, que busca as soluções para questões fundamentais que afectam a vida das populações, o seu bem-estar e desenvolvimento sustentável e harmonioso.

A implementação dos “sete milhões” de meticais começa a fazer-se sentir nos fins de 2005. Esse fundo foi aprovado pela Assembleia da República segundo a Lei nº12/2005 de 23 de Dezembro. A Implementação do programa dos “sete milhões” de meticais foi direccionada às administrações distritais sob a direcção dos Conselhos Consultivos (criados em 2006), vistos como sendo um grupo que representa os interesses das populações locais (MPD 2009). Esse programa, na sua primeira fase de implementação, sofreu contradições no que concerne aos discursos do Presidente da República e aos documentos oficiais do Ministério de Planificação e Desenvolvimento.

O primeiro dizia que os “sete milhões” de meticais eram para ser aplicados em programas que visem a produção de comida, geração de rendas e criação de emprego em actividades de pequena escala levadas a cabo por famílias pobres. O segundo afirmava a aplicação do dinheiro nas infra-estruturas sócioeconómicas.

Os “sete milhões” de meticais estão para promover o desenvolvimento económico local, onde os mesmos são aplicados para a aquisição de bens de capital a serem usados como meios para a promoção das actividades económicas das comunidades. Portanto, essa forma de conceber os “sete milhões” de meticais por parte do Conselho de Ministros (MPD 2009), revela a presença de imperativos económicos e a procura de equilíbrios económicos no país, tendendo a olhar para as populações com objectivo de harmonizá-las. A harmonia é um dos discursos que está por detrás da logica da alocação dos “sete milhões” de meticais.

Portanto, os “sete milhões” de meticais constituem-se como um quadro (oficial) com uma lógica economicista guiada pelo ideal de monetarização das populações, como um

instrumento para se atingir o desenvolvimento local. Essa lógica economicista pode ser compreendida nos indicadores que acompanharam o processo de surgimento do FDD definidos pelo Decreto 11/2005, de Abril no Artigo 102, como:

1. os Planos para o Desenvolvimento distrital são elaborados com a participação da população alvo pela mobilização feita pelos Conselhos Consultivos (CC's)
2. os Planos de Desenvolvimento Local devem responder as necessidades específicas do distrito e complementar as previstas no Plano do Governo
3. Os Planos de Desenvolvimento devem estar em harmonia com os programas do Governos (Plano Económico e Social, Plano Estratégico provincial), assegurar os meios de execução dos recursos (humanos, materiais e financeiros), e possuir aspectos que permitam avaliar o cumprimento das Políticas públicas e o nível da sua implementação.

Como defende Wedel et al (2005), alguns Governos procuram unir diferentes populações por via de políticas públicas, usando uma linguagem aparentemente neutra, onde os indivíduos fazem as coisas sem questionar. Portanto, seguindo esta linha de pensamento, o Governo moçambicano adoptou o OIIL-vulgo sete milhões de meticais, como forma de resposta aos problemas sociais das populações.

Este fundo foi aprovado pela Assembleia da República através da Lei nº12/2005 de 23 de Dezembro, inserido no Programa de Descentralização do Poder económico e financeiro para os Distritos, com os seguintes objectivos: estimular a renda dos agregados familiares, criar postos de trabalho, garantir o auto-emprego, de modo que as populações estejam, também, engajadas no combate a pobreza.

Os “sete milhões” de meticais como um instrumento de promoção de desenvolvimento, constituem-se como um quadro oficial onde se estabelece quase todo o tipo de interacções, sejam elas formais ou informais.

Portanto, este estudo procura explorar mais as relações internas dos grupos-alvo, sem perder de vista, também, as relações com os exteriores, pois, eles em nenhum momento estão isolados. A realização deste estudo preconizou mais pesquisas intensivas nos fins

do segundo semestre (2012), visto que, é a partir deste momento em que muitos dos projectos tendem a ser respondidos pelos agentes do Governo para fins de distribuição do dinheiro.

A escolha da aldeia de Javanhane como uma unidade de análise deve-se primeiro pelas dinâmicas (sociais, económicas, religiosas, simbólicas e infra-estruturais) que elas sofreram de 1996<sup>2</sup> até 2012, e pelo facto de ser uma das aldeias que identificou-se algumas pessoas que se beneficiam do fundo, assim como, por ter sido um dos espaços geográficos que mais representa o partido no poder, visto que, há relatos de uma relação entre o partido no poder e os beneficiários (como é ilustrado no sétimo capítulo).

## **1.2. Objectivos de Estudo**

### **1.2.1. Objectivo Geral**

- Compreender a lógica das interacções entre os habitantes da Aldeia de Javanhane no Processo da Alocação dos “sete milhões” de meticais.

### **1.2.2. Objectivos Específicos**

- Analisar as interacções que os habitantes de Javanhane estabelecem entre eles, consequentemente, com os seus externos;
- Discutir o processo da alocação dos “sete milhões” tendo em conta as actividades quotidianas dos habitantes de Javanhane;
- Discutir as categoriais sociais que interferem no processo de mudança social entre habitantes da Aldeia de Javanhane.

## **1.3. Problemática**

O debate sobre a pobreza em Moçambique tem sido objecto de análise, quer nos fóruns políticos, quer académicos. O Governo como forma de responder a este problema elaborou e implementou políticas de desenvolvimento que culminaram com a alocação

---

<sup>2</sup> Realidade mapeada por um estudo etnográfico realizado pela Carla Albino



dos “sete milhões” de meticais<sup>3</sup>. Neste processo assistiu-se conflitos entre os agentes de desenvolvimento e a população alvo. Para a compreensão deste fenómeno, várias abordagens tenderam a explicar a essência desses conflitos.

Duas abordagens (a Populista/tecnicista e a Crítica/Relativista) conceberam o desenvolvimento como um processo de mudança social levado a cabo pela existência de dois grupos sociais (duas lógicas), a população alvo e os agentes desenvolvedores (Governo ou Organizações Não Governamentais).

A abordagem crítica defende a relativização do conceito de Desenvolvimento, refutando a ideia da compreensão das partes, pois, os indivíduos constroem suas ideias e noções de desenvolvimento. Defendem que a noção de desenvolvimento não faz sentido em todos os contextos sociais, e mesmo que faça sentido, não se constitui como condição *sine qua non* da vida dessas pessoas.

A abordagem Populista é mais tecnicista e apresenta aspectos da primeira abordagem, através das críticas aos modelos de Desenvolvimento *top-down*. Esta defende um tipo de modelo de desenvolvimento, que se consagra como *alternativo*, defendendo a integração das populações alvo de modo que estas se sintam parte deste processo. Este processo se chama Desenvolvimento Endógeno<sup>4</sup>.

Portanto, essas abordagens limitam-se apenas em dar ênfase para a relação que estes grupos estabelecem, perdendo de vista as interações que o grupo alvo tem, “evocando” assim, as dicotomias *sociedades lógicas vs sociedades pré-lógicas* (Gardner e Lewis 1996), e levam a considerar que só existe mudança social se estes grupos interagem entre eles. Contudo, é a partir desta “limitação”, metodológica e analítica, que a minha pesquisa se desenrola (ponto de partida) seguindo a seguinte indagação: *Quais as lógicas que estão por detrás das interações entre os habitantes de Javanhane face à alocação dos “sete milhões” de meticais?*

#### **1.4. Hipótese**

---

<sup>3</sup> Fundo aprovado na Assembleia da República pela lei nº 12/2005 de 23 Dezembro

<sup>4</sup> Um modelo que defende a elaboração das políticas de desenvolvimento a partir dos grupos a se beneficiarem destas. Para esta teoria, o desenvolvimento tem que ser de baixo para cima (*down-top*)

A questão colocada constituiu-se como um fio no qual a minha pesquisa foi levada a cabo. Como forma de responder a esta pergunta, avancei com as seguintes hipóteses interligadas: primeiro, as lógicas de interacção entre os habitantes de Javanhane fundam-se na articulação dos aspectos conflitantes e harmoniosos. E segundo, é nas interacções intra-grupais que os indivíduos constroem categorias representativas entre eles, e são transformados numa máquina de produção do capital económico do país.

## **1.5. Justificativa**

O Governo tem adoptado políticas que procuram homogeneizar as relações das populações, procurando uni-las por via destes instrumentos. Os “sete milhões” de meticais constituem um instrumento de concretização deste objectivo, onde várias relações vão se estabelecendo como resposta a esse programa.

Neste processo, encontramos uma série de dinâmicas de um conjunto de práticas sociais e discursos que tendem a se construir e reconstruir dentro de um processo de interacção entre os indivíduos. É dentro deste contexto que é pertinente abordar sobre este estudo, centrando nas análises, observações e compreensão das actividades e práticas discursivas da vida quotidiana.

Por um lado, focar para as interacções entre os actores sociais no processo de desenvolvimento local entre os habitantes de Javanhane, constitui um desafio, por ser um contexto muito influenciado pelas dinâmicas da guerra dos 16 anos, e relevante para fazer um cruzamento entre os possíveis sentimentos ainda existentes sobre esse acontecimento, e a alocação do dinheiro por parte do partido no poder.

Por outro lado, os estudos destas interacções com enfoque na problemática de desenvolvimento permitem mostrar a complexidade e multidimensionalidade das formas de interacção e as lógicas a elas subjacentes. É nesses processos de interacção social que destacam-se práticas simbólicas que servem como medianeiras do comportamento social dos indivíduos embrenhados aos processos de desenvolvimento local. Portanto, a Antropologia busca compreender a diversidade das lógicas subjacentes a determinados fenómenos sociais e suas práticas. Daí a relevância antropológica deste estudo.

## 1.6. Estrutura do Trabalho

Este relatório é constituído por oito capítulos, a saber: Introdução, onde faz-se uma apresentação do tema em análise, sua actualidade e importância para a ciência antropológica; debruça-se sobre os seus objectivos e a problemática que se pretende discutir, assim como, formula-se hipóteses que são o fio condutor para o desenvolvimento da pesquisa.

No segundo capítulo encontra-se a revisão de literatura, onde estão apresentadas as várias e diferenciadas constatações teóricas e metodológicas sobre o assunto a discutir. Nesta fase, faço o levantamento e apresentação das principais obras por mim seleccionadas que abordam sobre a temática.

No terceiro capítulo apresenta-se o enquadramento teórico-conceptual, onde faço uma discussão dos processos teóricos e conceptuais adoptados para a abordagem do presente tema, e a sua respectiva operacionalização. Os conceitos de desenvolvimento local, interacção social e mudança social são discutidos de forma a serem bem esclarecidos. No quarto capítulo tenho a metodologia, onde apresento os procedimentos usados e as técnicas de recolha de dados levadas a cabo durante a pesquisa.

No quinto capítulo prossigo apresentando, as características da aldeia de Javanhane (sua localização geográfica, divisão administrativa, aspectos socioeconómicos) e o perfil dos informantes.

O sexto, sétimo e oitavo capítulos dedicam-se à apresentação de dados e sua análise. No sexto tem como título, “relação entre os beneficiários, não beneficiários e os chefes locais”, onde mostro as formas de interacção entre eles. O sétimo tem como título, “os processos de acesso aos sete milhões de meticais”, onde mostro os diferentes processos e lógicas de acesso ao fundo. O oitavo tem como título, “*Nlhovuku* e outros campos de aplicação do dinheiro”, onde mostro as lógicas de pensar mudança social, assim como os campos onde o dinheiro é aplicado, em função dos interesses de cada interveniente.

Nestes capítulos irá se fazer uma reflexão epistemológica sobre algumas práticas discursivas sobre o fenómeno de desenvolvimento e sobre as actividades desenvolvidas pelos habitantes da aldeia de Javanhane.

Finalmente, no nono capítulo (considerações finais) procura-se sintetizar os principais resultados e apresentar as considerações finais da pesquisa, como uma posição preliminar do pesquisador sobre diferentes assuntos levantados na pesquisa.

## 2. Revisão de Literatura

O fenômeno de desenvolvimento torna-se um tema de debate a partir dos anos 50 logo após a Segunda Guerra Mundial. Este fenômeno foi inicialmente orientado por estudos economicistas, que tenderam a dominar os mesmos, as teorias de *Modernização* e de *Dependência*. A teoria da modernização olhava para o desenvolvimento a partir dos índices mensuráveis e quantificáveis meramente económicos, usando um discurso de *obstáculo* onde as culturas locais e campesinato tradicional constituíam um obstáculo para o desenvolvimento. A segunda (dependência) influenciada pelas correntes marxistas, defendia a implementação de mudanças radicais como forma de superar a dicotomia *centro* e *periferia* (Gardner e Lewis 1996; Pinto 1995; Yañez-Casal 1996).

Estas teorias são politicamente opostas e evolucionistas (defendem o progresso em moldes lineares) por assumir que as mudanças vêm de cima para baixo, ignorando, assim, as formas pelas quais os indivíduos negociam estas mudanças e desenvolvem suas próprias formas, e fundam-se numa epistemologia racional. Estas teorias perderam o estatuto como dogmas de análise do fenômeno desenvolvimento, com a existência da diversidade de teorias que explicam este fenômeno, uma época marcada pelo pós-modernismo (anos 90) que se viu surgir um grande movimento crítico das concepções dominantes, assim como da natureza metodológica antropológica (Gardner e Lewis 1996).

### 2.1. Antropologia e Desenvolvimento

A ciência antropológica também não foi isenta destes estudos, tendo sido solicitada na análise e compreensão do fenômeno de desenvolvimento, visto que o mesmo fenômeno *é recente na antropologia, mas a sua problemática é antiga* (Yañez-Casal 1996). Mas, a sua posição nestes estudos foi colocada em causa. Portanto, no seu sentido geral, a Antropologia é colocada em dois campos de debate ao procurar compreender o fenômeno de desenvolvimento.

O primeiro tem a ver com o seu contexto histórico de surgimento, onde se afirma que ela é *filha do colonialismo*, considerando que ela é reprodutora dos discursos etnocêntricos e pejorativos da classe dominante. Estas críticas, segundo Yañez-Casal

(1991), não são consistentes, pois, a Antropologia converteu-se metodologicamente, não estudando apenas o tal primitivo, mas, também, o dito civilizado. O segundo tem a ver com o seu percurso teórico-metodológico, onde vai se afirmar que a antropologia entrou em crise por causa da dita perda do seu objecto de estudo.

Baines (2004) em relação às críticas teóricas e metodológicas discute a posição do antropólogo nos programas de desenvolvimento, afirmando que nesta relação, por parte dos agentes e grupos alvos, existe uma manipulação das informações em campanhas publicitárias, tornando-se as lideranças indígenas em seus porta-vozes. Portanto, o antropólogo é como se fosse um advogado dessas comunidades, mas também, ele faz parte dessas empresas de desenvolvimento, e a sua posição se torna problemática, pois, ele enfrenta questões de ética profissional.

Como afirma Yañez-Casal (1996) e Gardner e Lewis (1996), a antropologia converteu-se metodologicamente traçando novos horizontes de pesquisa, com vista a buscar a sua autonomia no estudo do fenómeno de desenvolvimento. Neste contexto deu respostas sob a questão: *porquê os outros não chegaram onde nós chegamos?*

Portanto, na análise e compreensão do fenómeno de desenvolvimento, a antropologia posiciona-se contra as tendências universalistas (dadas pelas teorias economicistas) procurando compreender as dinâmicas e processos internos de desenvolvimento, a nível local e regional, baseando-se em análises micro sociológicas centrando seu olhar em particularidades. Neste contexto de análises micro dimensionais (análise das dimensões que vão para além do aspecto económico, como o político, religião, valores e normas sociais e símbolos), duas abordagens antropológicas tentaram explicar este fenómeno, a Crítica ou relativista e a Populista.

### **2.1.1. Abordagem Crítica**

Esta abordagem (crítica ou relativista) olha para a forma como o conceito de desenvolvimento tem sido abordado e concebido. Parte de um exemplo concreto, que são as políticas de desenvolvimento, que tendem a mostrar que o ideal economicista de progresso das populações e de equilíbrio ainda se faz sentir. Defende a relativização do fenómeno de desenvolvimento ao conceber desenvolvimento como construção social e

cultural de um contexto específico, e que não pode ser visto como um fenómeno universal e necessário para todas as sociedades (Parbato 2009).

As políticas de desenvolvimento, ao seguir esta tendência universalizante, são dotadas de um poder centrado na ideia de promoção de desenvolvimento tendendo a universalizar pressupostos produzidos num contexto específico (Idem: 12).

É neste contexto de abordagem que diferentes autores irão conceber de forma variada a noção de desenvolvimento partindo de contextos de estudos diferentes. Moisés (2003) a partir de um estudo etnográfico realizado entre os habitantes da Vila de Goba, no Maputo, concluiu que a forma como as entidades desenham as políticas de desenvolvimento.

Moisés (2003) afirma que os agentes do Governo olham nos grupos de pessoas como aqueles que vivem pacificamente, em bom entendimento, organizados em torno de uma liderança local consensual e não contestada (homogéneos e equilibradas), leva-nos a não compreender os dinamismos internos desses grupos sociais, repetindo com isso os pressupostos pejorativos e mal concebidos (progresso linear) carregados pelo conceito de desenvolvimento.

Esta posição associa-se à de Menezes (1986), ao afirmar que a forma como essas políticas são elaboradas é como se elas fossem um pacote que basta aplicar por igual a comunidades locais, independentemente da realidade concreta, irão funcionar.

Parbato (2009), no estudo etnográfico entre a Associação Irmãos Unidos de Morrumbene em Inhambane, afirma que as percepções sobre as políticas de desenvolvimento são apropriadas, manipuladas e reformuladas em novas dimensões dentro de um processo de interacção social, pois, o objectivo das pessoas nem sempre vai ao encontro das entidades desenvolvedoras

Portanto, as políticas de desenvolvimento devem ter uma prévia atenção às lógicas das populações a serem alvo delas, porque a noção de desenvolvimento não faz sentido em alguns contextos sociais. Os indivíduos ou grupo social ao incorporar e aderir essas políticas definem-as dependendo das suas necessidades.

Na mesma linha de abordagem, Yañez-Casal (1996) afirma que este conceito deve ser repensado criticamente, e as políticas devem ter em conta os contextos periféricos onde

elas tomarão uma posição, de modo que descubra se as populações pensam da mesma forma o desenvolvimento. Concluindo que o desenvolvimento é um processo de mudança que subjaz duas lógicas, a dos grupos desenvolvedores (Governo, ONG) (lógica formal) e populações locais (lógica informal).

Esta abordagem critica a universalidade da concepção do desenvolvimento, e defende a ideia segundo a qual o desenvolvimento é um fenómeno social total, cuja análise não pode ser universalizada, muito menos estar centrada apenas nos aspectos económicos.

### **2.1.2. Abordagem Populista**

Esta abordagem é mais interventiva tendendo a centrar suas análises num determinado modelo de desenvolvimento. Defende que as políticas são entidades objectivas e que é necessário que haja um desenvolvimento alternativo que vise quebrar ou romper com barreiras existentes entre os desenvolvedores e a população.

Esta abordagem afirma que as práticas ou acções de desenvolvimento devem ser vistas como um campo de interacções entre actores com diferentes estatutos e recursos heterogéneos (Gardner e Lewis 1996; Parbato 2009).

Coelho (2007) no estudo etnográfico que faz na Ribeira de Pena (Portugal), afirma que as abordagens participativas nas políticas de desenvolvimento devem ser articuladas e discutidas dentro de um pressuposto *associativista*, onde os indivíduos organizam-se e elaboram processos de interacção entre si e com as entidades desenvolvedoras.

Mussane (2002) no trabalho de campo desenvolvido em Djavula, e sob a influência do pensamento de John Friedmann (1996), afirma que é necessário um desenvolvimento alternativo que passa pela humanização e tem em conta a iniciativa dos indivíduos, das famílias e todos os sectores excluídos pelo paradigma do crescimento económico.

Este privilegia uma metodologia que tenha em conta os sujeitos como princípio e fim, e preconiza a tomada da consciência dos indivíduos a fim de poderem participar na elaboração dos seus programas de desenvolvimento. As políticas devem pertencer às pessoas e lhas abrir mais espaço para a afirmação.



Por sua vez, Muls (2008) aborda sobre a teoria de desenvolvimento endógeno com enfoque no papel das instituições, partindo do que ele chamou de *formas intermediárias* para mostrar que estas instituições permitem uma mobilização dos actores locais e a formação das redes entre os organismos e instituições locais e uma maior cooperação entre empresas situadas em um mesmo território. Defende a coesão entre as redes formais e informal - o que Yañez-Casal 1996 chama de *lógicas formal e informal* - para que se accione melhor o processo de desenvolvimento endógeno.

Num estudo sobre a alocação dos “sete milhões” de meticais, Sande (2011) afirma-se existe uma dinamização da economia rural em Moçambique. Este fundo é representado por agentes do partido no poder, usando-o como um instrumento de conquista de um espaço político, redistribuindo rendimentos para os seus membros, indivíduos e grupos de cidadãos leais ou que se identificam com a sua causa.

Portanto, a perspectiva reflecte que a alocação dos “sete milhões” de meticais constitui uma causa de exclusão socio-económica, onde são beneficiadas as pessoas que representam os interesses do partido FRELIMO, ou os seus simpatizantes.

Bidle e Bidle (1968) defendem que o processo de desenvolvimento económico e o processo de implementação dessas políticas consistem na monetorização das populações e, é necessário que se tenha em conta o domínio do inconsciente dos indivíduos que se pensa estar a participar, pois, nem todos eles têm a consciência de estarem a participar nesses projectos de desenvolvimento.

Por sua vez, Comélieu (1993) defende que é necessário que se tenha em conta o conceito de mudança social como um instrumento motor das pesquisas sobre o fenómeno de desenvolvimento, pois, ele nos permite superar os problemas das quantificações universais que o conceito desenvolvimento carrega, faz-nos compreender as dinâmicas sociais.

Estas abordagens estão inter-ligadas não podendo se traçar categoricamente as fronteiras claras entre elas. O que as diferencia, é que a primeira aborda categoricamente uma discussão teórica e metodológica nas pesquisas sobre este fenómeno e reage contra as teorias economicistas que tendem a reproduzir e expandir um modelo único de desenvolvimento.

A segunda centra-se mais num modelo de desenvolvimento (é mais tecnicista) que por sinal, apesar de tomar em atenção a incorporação dos outros aspectos que ultrapassam o económico, está preocupada com aspectos quantitativos revelando mais a presença de teorias economicistas, ao defender a *monetarização*, que é a alocação de dinheiro junto das populações locais.

Alguns estudos que seguiram a orientação populista tenderam a reproduzir a ideia de introdução de imperativo económicos, e perdem de vista o seu enfoque crítico-analítico para a produção do conhecimento científico. Estas abordagens perdem de vista as múltiplas interações que os indivíduos estabelecem entre eles face a um processo de desenvolvimento, devido à maior preocupação em mostrar a relação entre as lógicas formal e informal. Portanto, é necessário olhar para as *relações intra-grupais*<sup>5</sup> que permitem olhar para um conjunto heterogéneo das formas de ser e estar das pessoas.

As constatações dos autores acima apresentados, em nenhum momento forão inúteis para a orientação deste trabalho, mas as suas formas de abordagem foram seguidas com cautela e perseverança de modo que a se fazer uma apreensão epistemológica dos dados.

Neste trabalho adoptou-se a perspectiva de Oliver-Sardan (1995), Yañez-Casal (1996/1991), Gardner e Lewis (1996) e, principalmente, Comélieu (1993) e Bidle e Bidle (1968) por-me permitir olhar para as mudanças sociais, e pôr em prática a minha orientação teórica e metodológica nas análises dos eventos sociais e compreensão das trajetórias individuais, através das quais se pode ascender ao social.

---

<sup>5</sup> As relações que os indivíduos de um determinado grupo social e cultural estabelecem entre eles.

### **3. Enquadramento Teórico-Conceptual**

#### **3.1. Discussão Teórica**

A teoria socio-antropológica do quotidiano de Michel Maffesoli<sup>6</sup> situa-se na abordagem fenomenológica-compreensiva, e procura compreender os fenómenos sociais através das práticas diárias dos indivíduos. Esta abordagem privilegia a “sociabilidade”, as experiências colectivas que estão ao nível social.

Esta teoria está relacionada com a teoria etnometodológica de Harold Garfinkel<sup>7</sup> (1967) a qual defende que as pessoas, para mais do que responder aos comportamentos, sentimentos e relações percebidas, respondem às acções e coerções externas, produzindo símbolos e códigos na sua comunicação.

Estas teorias constituem-se como parte do construtivismo, a qual defende que a realidade é socialmente produzida a partir de um contexto social específico, dentro de um processo de interacção social. Portanto, a etnometodologia de Garfinkel (1967) constitui-se como um recurso pertinente na análise do fenómeno porque me permitiu olhar para as relações entre os indivíduos dentro de um determinado grupo social, de modo a reflectir sobre o modelo *Down/Top* defendido pela teoria do desenvolvimento endógeno. Me permitiu, também, aplicar a abordagem adoptada.

Esta abordagem, denomina-se intra-grupal, que me permite olhar para as interacções que os indivíduos estabelecem entre eles, de modo que se perceba as relações com seus exteriores. Esta procura recuperar o sentido que as pessoas dão ao que fazem, pois, a ordem dos factos sociais e o sentido das acções é mutável e própria de cada acto interacional.

#### **3.2. Conceitos e Sua Operacionalização**

Para a realização deste trabalho irei discutir os seguintes conceitos: desenvolvimento; Desenvolvimento Local; Interacção social e Mudança Social.

---

<sup>6</sup> Sociólogo francês de origem italiana e discípulo de Gilbert Durand

<sup>7</sup> Um etnometodólogo norte-americano

## **Desenvolvimento**

Yañez-Casal (1996:32) concebe o desenvolvimento como sendo *um processo que permite as sociedades construírem a sua história de mudança sem bloqueio, invocação e perda de diferença*. Para ele é preciso contextualizar o conceito de Desenvolvimento e procurar compreendê-lo dentro de cada contexto, porque a forma como ele é concebido varia dos sistemas de valores e normas sociais inseridas num conjunto de dimensões simbólicas, políticas e do parentesco.

Por sua vez, Oliver-Sardan (1995) centra suas discussões sobre o conceito de mudança social, e afirma que desenvolvimento é uma realidade que resulta de uma interação entre desenvolvedores (ocidentais ou nacionais, institucionais e ONGs) e intervenções voluntárias de origem exteriores a um determinado meio que visam transformar em parte este meio, através da introdução de comportamentos económicos.

Numa mesma linha de abordagem, Gardner e Lewis (1996) defendem que o desenvolvimento refere-se ao processo de mudança social e económico que tem sido precipitado pelo crescimento económico e políticas e planos do Estado, agências ou movimentos sociais indígenas.

Comélieu (1993) afirma que o conceito de desenvolvimento está imbuído de imperativos economicistas, com discursos progressistas que tendem a procurar determinar equilíbrios de todas as sociedades (está ligado a teorias normativas e universalistas). Portanto, mais do que abandonar o conceito de desenvolvimento, é necessário partir do fenómeno de desenvolvimento em si, usando um conceito que nos permite compreender as dinâmicas sociais, que é o da mudança social.

## **Desenvolvimento Local**

Segundo Milani (2003:10), o desenvolvimento local é um instrumento de resposta às crises do desenvolvimento nacional e do Estado-Nação e, é a favor da diversidade dos meios. O local neste caso carrega todas utopias dos agentes desenvolvedores, através das quais, ele é considerado um potencial transformador.

Segundo Schlithler (2004:22), o Desenvolvimento Local é a transformação social resultante do desenvolvimento de pessoas porque são elas que operam a mudança. Este desenvolvimento local é resultado de redes locais formadas por iniciativa espontânea de um grupo de pessoas, mas é frequente que a iniciativa parta de uma ou mais de uma organização social, empresa ou órgão público.

Para Cáceres et al (2007) o desenvolvimento local é uma promoção de actividades económicas a nível distrital que faz parte da planificação do Governo. Schröder (1997) afirma que desenvolvimento é um contraste entre dois grupos, população local e os implementadores de programas. Em concordância com estes, Pinto (1965:293) afirma que o desenvolvimento implica a coexistência de dois padrões de estrutura social, o padrão tradicional em declínio e o novo emergente, o moderno em expansão.

## **Interacção Social**

Interacção é um campo onde os indivíduos constroem as suas acções e práticas sociais, de modo que elaboram-se categorias representacionais sobre o “self” dos mesmos. É nestas acções individuais e colectivas em que são definidos comportamentos a partir do contexto, espacial e temporal, em que os indivíduos se encontram (Lopes e Jorge 2005).

Por sua vez, Palma (2004) afirma que a Interação social é um dos elementos, procedimentos de construção da realidade. É um processo constante de actividades em que os indivíduos partilham símbolos, sentimentos e representações sobre um determinado fenómeno. É nas interações sociais onde os actores sociais interpretam seus papéis e orientam suas acções de modo que tenham significado para eles, utilizando linguagem, rótulos e rotinas para gerir impressões e outros modos de acção culturalmente específicos.

## **Mudança Social**

Segundo Fischer (1992:181), a mudança social é um processo de transformação social que apresenta uma permanência no tempo e que implica a colectividade ou um sector apreciável de uma colectividade. Por sua vez, Rocher (1989: 95) defende que a mudança social resulta da acção histórica de certos actores ou certos grupos no seio

dessa colectividade. Gluckman (1961) mostra-nos que estas mudanças sociais estão para além do domínio do material, pois, todo um conjunto de normas e valores sociais, costumes e práticas sociais continuam a ser praticadas, apenas assumiram novas formas de desenvolver valores sociais que vai de acordo com o sistema que faz parte.

Por sua vez, Comèlieu (1993) na análise do fenómeno de desenvolvimento, prefere usar o conceito de mudança social afirmando que ele nos dá a possibilidade de superar os dogmas economicistas carregados pelo termo de desenvolvimento. O conceito de mudança social permite-nos reflectir nas interacções sociais de modo que compreendamos as dinâmicas sociais de um determinado grupo social.

Neste caso, a mudança social seria um processo, um percurso histórico-social no qual as sociedades estão sujeitas dependendo das dinâmicas políticas, económicas e culturais dessas sociedades.

Porém, neste estudo mais que se usar o conceito de desenvolvimento, dado pelos seus problemas e limitações, adoptei o conceito de mudança social, e as definições dadas por Gluckman (1940) e Comèlieu (1993), pois, elas permitem compreender as dinâmicas e processos sociais, de modo que se faça uma melhor apreensão do sentido que é dado a uma determinada prática social.

Adoptar essa definição implica olhar para o fenómeno de desenvolvimento como uma realidade passível de análises antropológicas, sem cair nos imperativos económicos, normativos e universalizadores que estão no cerne do conceito de desenvolvimento.

São relevantes as discussões trazidas pelos autores sobre a noção de desenvolvimento, por isso, mais do que deixá-las a parte, farei o recurso epistemológico possível de identificar suas *nuances* de modo que consubstanciem o trabalho.

Contudo, nesta pesquisa, concebo o desenvolvimento como um processo de mudança social que pode ser levado a cabo por um conjunto de pessoas sem que seja condição *indispensável* a presença dos agentes externos (ditos detentores do dinheiro), mas sim que se expressa por categorias próprias que mesmo que literalmente se aproxime ao significado do termo (desenvolvimento), as lógicas que estão por detrás dão um outro sentido.

## 4. Metodologia

Como forma de proceder com esta pesquisa este estudo é de carácter compreensivo, privilegiando a abordagem qualitativa (Neves 1996; Richardson 1999). Esta abordagem permitiu interagir com o meu grupo alvo (habitantes da Aldeia de Javanhane) de modo a compreender os discursos e práticas, imagens e representações identitárias que estes têm sobre a alocação dos “sete milhões” de meticais.

Portanto, a elaboração desta pesquisa foi composta por três fases: a primeira consistiu na revisão de literatura das obras e artigos que estão associados ao assunto a abordar.

Na segunda fase, realizei um trabalho de campo, que consistiu na recolha de dados com o recurso ao método etnográfico como um instrumento privilegiado na ciência antropológica. Esta fase decorreu entre Maio a Junho de 2012, como uma fase meramente exploratória, onde a partir da minha presença no local e interacção com este, procurei me apresentar na estrutura local, criei empatias com os habitantes, e identifiquei os espaços de sociabilidade entre os beneficiários e não beneficiários.

Ainda nesta fase, conversei com as pessoas que habitam na Aldeia de Javanhane, participei em algumas actividades (cerimónias funerárias, reuniões da aldeia no geral e de alguns membros do Conselho Consultivo) em caso da permissão. Participei num evento no qual era alusivo à recepção da Maria da Luz Guebuza, observei e descrevi esta actividade e os discursos dos indivíduos, pois, foi muito importante na compreensão do comportamento e na forma como manuseiam o Fundo alocado nesta aldeia.

Para tal, recorri ao uso das *conversas objectivas* (Burgess 1997)<sup>8</sup>, entrevistas semi-estruturadas, gravador de voz<sup>9</sup> e câmara fotográfica, com o consentimento dos informantes.

---

<sup>8</sup> Consistem no desenvolvimento de relacionamento entre o pesquisador e os informantes e na análise das atitudes e formas de ser e estar durante a conversa.

<sup>9</sup> Com o consentimento do pesquisador- “*desculpa, me permite usar o gravador, é que preciso auxiliar a minha memória*” (palavras usadas no pedido de permissão para gravar uma conversa)

A fase da recolha de dados foi realizado num movimento de *vai e vem*, dado aos constrangimentos por mim passados. Decorreu também, entre os meses de julho a outubro de 2011, e Julho a Setembro de 2012 num enfoque mais intensivo. Não consegui ter acesso ao alojamento na aldeia pelo factor tempo que não foi suficiente para garantir uma aceitação pelos informantes<sup>10</sup>.

Dáí que criei (epistemologicamente) empatias que permitiram, pelo menos por um final de semana alojar-me como qualquer um em casa de um amigo, e isto foi relevante para conseguir reunir alguns aspectos, embora tenha trabalhado duro e pressionado comigo mesmo.

Os informantes foram identificados a partir de um documento disponibilizado pela chefe da Localidade e aldeia (Paulina Siteo), mas isso não foi suficiente para localizá-los, porque nem todos os beneficiários estavam inscritos nesses documentos. Já esses, foram me indicados por outros informantes- “*Já falaste com o Mandlaze? Ele é beneficiário*”.

Isto constituiu-se como um processo de *bola-de-neve*, onde os informantes indicavam-se uns aos outros, sem que eu os conhecesse. Portanto, para a realização desta pesquisa, trabalhei com cinco beneficiários (três agricultores e dois comerciantes) e quatro não beneficiários (dois agricultores e dois que se dedicam a comércio e agricultura). A escolha destes, me permitiu aplicar a compreensão das relações internas entre os habitantes da aldeia.

A terceira fase consistiu na análise dos dados recolhidos no campo, onde voltei ao material da literatura consultado. Nesta fase fiz, essencialmente, uma reflexão epistemológica sobre os dados recolhidos no campo de estudo, de modo a conseguir interpretar e apresentá-los à comunidade científica.

A presença no campo permitiu-me mudanças no tema e reformulações da hipótese de pesquisa. Numa primeira fase, procurá-va compreender as lógicas de desenvolvimento entre os habitantes de Javanhane, onde com o contacto com os mesmos, percebi que

---

<sup>10</sup> O facto de eles receberem um pesquisador, conversar com ele, não implica que a pessoa depositou uma confiança suficiente para o acolher em sua casa, ou de te ver em uma casa vizinha, pois, ainda continuas um estranho naquele contexto devido ao seu aspecto académico (sempre a questionar, coisas que nem eles mesmos questionam)



usam a expressão *nlhovuku*<sup>11</sup>. Daí que procurei compreender as interacções entre os actores sociais no processo de desenvolvimento, mais do que procurar as lógicas de desenvolvimento.

Ainda na fase exploratória, a existência dos conflitos entre os habitantes de Javanhane perpetuadas pela alocação dos sete milhões constituía a minha hipótese-chave. Numa interacção com os informantes e alguns habitantes pude compreender que existem aspectos que levam a pensar na harmonia entre eles, e que essa harmonia é visível nas relações do dia-a-dia, pela forma como eles se cumprimentam, olham nos outros, nas relações de ajuda mútua.

Os indivíduos representam-se positivamente- (para *quem conhece melhor o senhor macamo, ele é uma boa pessoa, que não é por ter dinheiro que ele vai desrespeitar o seu próximo, aquele é cristão*) e negativamente- (*quero lá saber desses, eles têm dinheiro hoje, e pensam que é tudo, não é verdade. Nós nascemos sem dinheiro e vamos voltar sem nada, não existem nada que não acaba*)<sup>12</sup>.

Um dos constrangimentos que tive, foi a dificuldade do acesso a informação documentada sobre o processo de criação do Fundo de Desenvolvimento Distrital, e a implementação dos “sete milhões” de meticais. Como forma de superar a esse constrangimento, adoptou-se uma estratégia de se criar empatias com algumas pessoas que trabalham em ambientes em que esses documentos são arquivados.

Para a apresentação dos dados, usam-se nomes fictício, excepto para o caso do nome da chefe da localidade, como uma estratégia de proteção dos meus informantes, visto que as informações contidas neste trabalho, podem vir a ser utilizadas para qualquer fins, por outras pessoas, onde podem mexer com a sensibilidade dos informantes colocando em causa as suas estratégias de vida.

---

<sup>11</sup> Que literalmente significa desenvolvimento, mas o sentido a ela dada expressa mais do que isso-ela está ao nível das práticas representativas, onde pessoas beneficiárias adquirem ou reafirmam o seu *status social*

<sup>12</sup> Estes dois trechos foram captados numa conversa aberta e objectiva, primeiro com um beneficiário e, segundo, com um não beneficiário (vendedeira de tomate na aldeia) no dia 10/08/12

## 5. Aldeia de Javanhane

A aldeia de Javanhane é também conhecida como aldeia Acordos de Lusaka, pertence ao Posto Administrativo de Chivongoene e à Localidade de Chibabel. Apresenta cinco Bairros, dos quais cada um deles apresenta seu respectivo chefe. Esta Aldeia localiza-se na província de Gaza, a 22km da sede do Distrito do Guijá, Vila do Caniçado. Situa-se no Posto Administrativo Chivongoene e faz limite ao norte com uma floresta, a sul rio Limpopo, a este aldeia de Chibabel e oeste com a aldeia de Sifo.

Os bairros estão separados em ruas, onde o terceiro e quarto bairro estão ao lado esquerdo, e o primeiro, segundo e quinto bairro estão à direita para quem vem em direcção à sede do Distrito de Guijá para Distrito de Chibuto. Estes bairros estão separados por meio de uma rua principal, a qual vai dar à estrada que vai a Macarretana (no Guijá).

Tem um Centro de Saúde, Escola Primária Completa e Secundária à margem da aldeia (perto das machambas), tem dois furos de água, um centro onde as pessoas se têm reunido, sede partido FRELIMO<sup>13</sup> (onde realizam-se actividades do partido e se distribui o dinheiro aos idosos).

As casas são mistas, tendo casas de tipo de alvenarias, feitas a blocos de cimento e tijolos, casas feitas a caniço, a pedras misturadas com argila, cobertas de capim ou chapas de zinco. A maioria dos habitantes da aldeia dedica-se principalmente às práticas agrícolas para o seu sustento familiar, e à criação e venda de gado bovino e caprino.

Tem um mercado em formação em frente ao Centro de Saúde, onde as pessoas ficam debaixo de um canhueiro (que por vezes, fica sem folhas no verão) a vender tomate, cebola, pepino, couve, repolho, cenoura, óleo, pão e badjia, pipocas, refrigerantes e roupas de calamidade.

---

<sup>13</sup> Frente de Libertação de Moçambique

## 5.1. Perfil dos Informantes

Os informantes com quem trabalhei são nativos da aldeia, e vivem em bairros diferentes. O facto de viverem em bairros diferentes permitiu-me procurar compreender as relações e as interligações dos bairros em si. Dois dos informantes (beneficiários, criadores e comercializadores de frangos; e agricultor) residem no terceiro bairro. Outros habitam no primeiro, segundo e quarto bairro.

Estes informantes têm experiências diferentes, onde uns participaram em projectos desenvolvidos pela Federação Luterana Alemã (FLA) nos anos 90, alguns participaram em projectos levados a cabo pela Visão Mundial e *Save the Children* (Organizações Não Governamentais).

As suas experiências variam também de acordo com as religiões que delas fazem parte. Alguns informantes, o caso do senhor Titos de 51 anos de idade, professa a religião católica e já foi professor em Chibuto logo após a independência. Outros professam religiões evangélicas, Zione, e religiões que instalaram-se na aldeia *Word of Life Church Mission Station*.

Estas particularidades (formação escolar, pertença às igrejas) constituem-se como um elemento importante na compreensão das dinâmicas dos processos de desenvolvimento, pois, para compreendermos a história das mudanças sociais temos que ter em conta as trajectórias históricas e momentâneas dos indivíduos.

## 6. Relação entre Beneficiários, Não Beneficiários e os Chefes Locais

Em Javanhane existem diversos espaços nos quais os indivíduos interagem entre eles, e estes espaços são próprios. Os indivíduos encontram-se nos poços, fontenárias, reuniões populares e partidárias, paragem e no Centro de Saúde.

O hospital é frequentado por todos, mas nem todos frequentam os poços, fontenárias, Centro de Saúde, pois, alguns usam o sistema de água canalizada (torneiras), vão aos hospitais da Sede de Guijá ou Chibuto. A forma como as pessoas se comportam varia do espaço em que elas se encontram, mas elas não estão despidas de valores e normas que lhes estão associadas.

É na família Tivane, uma das famílias mais conhecidas na aldeia, que alguns habitantes se reúnem no fim da tarde (a partir das 15 horas). Os encontros entre estas pessoas são marcados como um momento de lazer, onde elas conversam sobre o seu trabalho, definem suas relações de amizades e inimizades.

É nesta família que a maioria dos membros do Conselho Consultivo se encontra para trocar uns copos de *nto nto nto*, *ngovu*, *ximovana*<sup>14</sup>, assim como bebidas produzidas nas fábricas convencionais como o Dom Barril, Tentação. É frequente escutar-se conversas como:

*-Hoyo hoyo Machava! Já tenho umas duas canecas na sua conta.*

*-Gostaria, mas não tenho dinheiro suficiente para tal, fica para amanhã.*

*-Yah, vocês quando têm dinheiro gingam muito pah, nem parece que nos vão encontrar pela frente*<sup>15</sup>.

*Nto nto nto* é uma bebida de fabrico caseiro, produzido, tanto com resíduos grosseiros dos cereiais moídos (farelo), misturados com água, assim como, são produzidas a partir da fruta da massaleira (massala) ainda verde. *Ngovu* é uma bebida, também de fabrico caseiro, produzido a partir de resíduos grosseiros dos cereiais moídos, misturados com açúcar e um produto químico que vem embalado por um papel químico, chamado

---

<sup>14</sup> Expressões que se referem a algumas bebidas consumidas na aldeia, que são de fabrico caseiro

<sup>15</sup> Membros do Conselho Consultivo enquanto recebem outras pessoas na família Tivane para beber álcool

localmente de *xitine*<sup>16</sup>. *Ximovana* é uma bebida, que também, pode ser designada de *nto nto nto*, mas que a sua produção depende da cana de açúcar e água.

Alguns Membros do Conselho Consultivo carregam sentimentos de um contexto para o outro [*como mostraremos na secção seguinte*], onde estes podem determinar um conjunto de práticas sociais em relação à necessidade de aquisição de alguns bens.

Numa conversa objectiva tida com alguns Membros do Conselho Consultivo, algumas pessoas da aldeia guardam rancores para os chefes locais que até rogam pragas somente por causa do dinheiro disponibilizado pelo Governo e pela autonomia de decisão que estes (chefes) foram concedidos. Isto às vezes tem a ver com o facto de algumas pessoas serem entendidas como tendo se expressado mal em relação as outras:

*“Sabes as pessoas invejam-nos, mas que podem fazer, nada! O poder de decisão nos foi dado e nós decidimos quem merece ou não de acordo com os padrões que nós definimos e os que consideramos correctos”.*

Os espaços frequentados pelos “beneficiários”, “não beneficiários” e “chefes locais” são frequentados em momentos diferentes, escolhendo com quem devem e com quem não devem se relacionar. Nas interacções entre os beneficiários e não-beneficiários na aldeia de Javanhane constróem-se categorias (*privilegiados-beneficiários* e *azarados-não beneficiários*) que revelam o *grau de distanciamento e aproximação* entre os actores sociais.

Seguindo Gluckman (1963), argumento que as sociedades são heterogéneas, e é nas relações *intra-grupais* que os indivíduos criam categorias que revelam o grau de partilha dos valores e identidades sociais. Os beneficiários se sentem confortáveis em manterem-se sempre conectados com os outros beneficiários, dizendo:

*Imaginas tu te relacionares com uma pessoa que não conseguiu ter o dinheiro? Isso pode até dar num feitiço, nós os africanos somos bons*

---

<sup>16</sup> Bloco, porque tem um formato triangular de um bloco de cimento, embora com uma pequena espedura

*nessas. Com os outros beneficiários podemos ajudar na aplicação do dinheiro*<sup>17</sup>.

Os não beneficiários constroem categorias do seu *self*. Essas categorias seguem orientações de *vitimação*<sup>18</sup>, *lamentação*<sup>19</sup>, e *exclusão*<sup>20</sup>. Whorf (1971: 155) defende que *os seres humanos não vivem somente no mundo objectivo, nem estão totalmente ancorados ao mundo das actividades sociais, mas que a linguagem particular converte os valores e normas sociais em meias expressões da sociedade*.

Os meus dados revelam que, a forma como alguns beneficiários se relacionam revela o carácter activo dos indivíduos mostrando uma capacidade de representação de determinadas práticas sociais inerentes a pessoas da mesma sociedade.

Bourdieu (2006) afirma que a identidade social afirma-se pela diferença, que assenta numa relação desigual das diferentes classes sociais com a necessidade económica. A partir da relação *Nós e os Outros*, pode-se entender a relação entre os níveis de acção e interacção, entre o “eu” e o “nós” definidores de uma identidade de um certo grupo ou classe (Santos-Silva 1986:44).

Os dados recolhidos entre os habitantes da aldeia de Javanhane revelam que os “sete milhões” de meticais constroem espaços sociais. É nesses espaços sociais que os discursos de identidade e alteridade são construídos, onde os beneficiários e não beneficiários ao falar dos outros, identificam-se a si próprios. Esses espaços constituem um campo de evidências das práticas sociais.

---

<sup>17</sup> Conversa informal com dois beneficiários (comercio e agricultura) 15/8/11

<sup>18</sup> “Não me deram o dinheiro porque sou do Movimento Democrático de Moçambique”

<sup>19</sup> “Ooh! Fazer o quê, nada. Se não me deram o dinheiro só posso ficar assim mesmo na pobreza, Deus um dia me ajuda”

<sup>20</sup> “Gingava até pagavam dízimo na igreja, agora está ali, aqui não pode se aproximar”

## 7. Processos de Acesso aos “Sete Milhões” de Meticais

Na secção anterior analisei as interacções entre alguns beneficiários, não beneficiários, e Membros do Conselho Consultivo. Estas relações tendem a construir espaços sociais nos quais os indivíduos se relacionam entre eles a partir de categorias identitárias que se consagram como uma forma de aproximação e distanciamento dos outros. Nesta secção, discuto os processos de acesso aos “sete milhões” de meticais com enfoque nas actividades diárias, procurando mostrar os elementos que interferem neste processo.

Para se beneficiar deste fundo, o Governo definiu determinados procedimentos pelos quais se poderia ter acesso aos “sete milhões” de meticais, onde os interessados poderiam submeter por escrito, projectos a explicar de forma detalhada as actividades que pretendem implementar e a sua contribuição: carta, descrição de tarefas e orçamento, e uma declaração acompanhada por uma cópia de Bilhete de Identidade (BI) (*ver a imagens em anexo*).

Embora existam critérios e procedimentos para o acesso do Fundo local (FDD) (contrato de empréstimo, ficha de identificação e análise do projecto, e mapas das amortizações), os dados de campo permitiram constatar que o acesso ao Fundo vai ao além dos mecanismos pré-determinados ou escritos no documento formal.

Em Javanhane para além destes procedimentos todos, existe um conjunto de mecanismos que accionam o acesso ao fundo, que obedecem uma lógica própria. Para se aceder a esse fundo, é preciso que se tenha um *background* tal definido a partir de trajetórias passadas e pelo *status social* adquirido ao longo do tempo.

*“para se ter acesso ao fundo, é preciso que alguém tenha pelo menos uma experiência na área que pretende aplicar o dinheiro. Essa experiência permite que ela saiba gerir bem o fun do de modo que possa conseguir reembolsar o valor.”* (Entrevista concedida pela Dona Paulina Siteo)

*“Para você ter dinheiro não basta acordar e querer fazer empréstimo. As pessoas que estão a sua volta te conhecem, se és um mulherengo, não panhas [sic] nada. Já ter um espaço para implementar suas actividades é uma vantagem. Por exemplo, se queres aplicar na agricultura, tem que ter machambas, se é para comércio, também tem que*

*ter estabelecimento. Nós ajudamos a pessoa a subir e não a começar a trepar a árvore”*  
(entrevista concedida por um membro do conselho consultivo a nível local)

Esses mecanismos em nenhum momento são definidos pelas pessoas que pretendem aceder ao fundo, mas sim, pelos Membros do Conselho Consultivo.

*“Há pessoas que submetem seus projectos mesmo sabendo que não estão nas condições padronizadas pela aldeia (boa conduta social...respeito aos outros) e condições a nível material (ter acesso a um espaço viável para aplicação das actividades, o caso dos agricultores, barracas para os comerciantes). Por isso, que outros, seus projectos nem chegam ao governo distrital, são arquivados aqui na aldeia ou alguns podem chegar, mas ser devolvidos alegadamente porque o dinheiro acabou...”<sup>21</sup>*

*Antes eu era trabalhador na África do Sul. Retornei em casa [sic] em 2003, onde decidi ser um agricultor. Com o dinheiro adquirido na África do Sul, comprei uma motobomba, charruas, bois, carroças e algumas terras nas zonas próximas do rio Nhaca e lago Mbejani. Em 2009 pelas crises que eu vinha passando por causa de algumas pragas, como a virose, e sob o risco de perder as minhas machambas, decidi submeter o meu projecto de pedido de fundo no Distrito. Éramos muitos, mais poucos conseguiram porque não tinham ainda espaços para produção agrícola e equipamentos necessários para tal (motobombas). Eu consegui porque o meu trabalho era já conhecido e reconhecido na aldeia (entrevista concedida em anonimato no dia 22.10.11)*

*Não sou do partido FRELIMO e mesmo se fosse, acho que não seria a questão de conversa. Não escreve o que te vou dizer, mas eu não sei o que chamas de membro de partido ou não. Eu não tenho o cartão de membro do partido, mas represento-me com ele por razões históricas e pessoais, isto porque se não fosse a FRELIMO não estaríamos aqui, e se não fosse o caso de eu me identificar com ele, fazer tudo o que é exigido a nível da aldeia, não teria este fundo (entrevista em anonimato)*

---

<sup>21</sup> Entrevista concedida pela Chefe da Localidade, Julho de 2012



Esses trechos mostram que as formas de acesso seguem uma lógica própria, que pode ser enquadrada na representação de interesses políticos ou simpatia com o partido. Os antecedentes históricos, o potencial económico para a compra de algum material (charruas, motobombas) constituem-se como factores para o tal acesso.

Numa entrevista semi-estruturada com um agricultor não beneficiário, verificou-se que existem aspectos *fora da lei* entre os Membros do Conselho Consultivo, onde usam pessoas que precisam do dinheiro como forma de tirar proveito, colocando algumas delas em riscos de ser penalizadas pela lei (devido à incumbência nessas práticas ilícitas).

*“Você quer pedir 60.000 meticais? Eu vou te dar mais 65.000. É para levares 60 por mim, e te dou mais 5 extras, que não precisas devolver os 5, mas que fiques com eles a dever os 60”.*

Neste caso, os membros julgam-se de espertos, colocando os outros numa situação problemática que elas não esperam, pois, só pensam em ter o dinheiro naquele momento. E isso enquadra-se no que Bidle e Bidle (1968) aborda sobre a necessidade de compreender o domínio do inconsciente destes (indivíduos alvos de projectos de desenvolvimento) afirmando que, nem todos indivíduos têm consciência da sua participação em tais actividades de desenvolvimento.

O trecho acima mostra que no processo de alocação dos “sete milhões” de meticais estabelecem-se várias relações, onde algumas podem ser vistas como formais (as que vão de acordo com a “ética” e conduta do cidadão (não corrupto) e informais – “*o cabrito come onde foi amarado mesmo que o apertem o pescço*”.

Em Javanhane, alguns beneficiários que trabalham na agricultura sentem-se agradecidos e mostram satisfação pela iniciativa do Governo, revelando uma consciência sobre o fundo, mas que a aplicação do mesmo vai para além disso<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Estão ao nível da religião e simbólico “porque Deus é pai, me concedeu o dinheiro, e tenho que o louvar, dando dízimo e contribuindo em aspectos financeiros na igreja para a proclamação da fé” ...”tive que investir algum valor para o meu irmão lobolar a mulher que morreu, porque não fazer isso seria uma violação das nossas tradições

Como afirma Bourdieu (2006), os capitais (social, económico e cultural) ditam a distinção. Ele afirma que a identidade resulta de uma complexa luta pela emancipação de determinadas representações sociais. A partir da reflexão da questão, “quem são os que se beneficiam dos “sete milhões” de meticais?”, os meus dados (produtos da observação e conversas) revelam que os capitais descritos por Bourdieu (2006) são elementos que estão por detrás de todo o processo de aquisição dos “sete milhões” de meticais, pois, em alguns momentos encontro explicações que permitem afirmar isso.

## 8. Nlhovuku e outros Campos de aplicação do Dinheiro

Na secção acima discuti o processo de acesso aos “sete milhões” de meticais, e mostrei que o mesmo não segue aos objectivos pré-estabelecidos nos documentos oficiais, sendo alvo de manipulações por parte dos Membros do Conselho Consultivo sob o discurso-*o cabrito come onde foi amarado, mesmo que lhe apertem o pescoço*<sup>23</sup>. Para esta secção reservei a análise da palavra *nlhovuku* enquanto uma categoria de manipulação e apropriação dos discursos, e os campos de aplicação do dinheiro em Javanhane.

No uso da palavra *nlhuvucu*<sup>24</sup>, a lógica das suas actividades e discursos é em parte contraditória. Essa contradição resulta de um processo de apropriação e manipulação das políticas implementadas pelo Governo – “*o Governo não tem problema, apenas falhou ao dar poder a esses analfabetos*”<sup>25</sup>.

O sentido dado à palavra *nlhovuco* está ao nível das práticas sociais e *status social*, onde pessoas com o dinheiro do fundo na aldeia são bem olhadas devido à aquisição de mais terras férteis – “*papai Macamo que tem muitas machambas é intocável, aquele sabe gerir*”<sup>26</sup>. Essa palavra, enquadra-se no que Comélieu (1993) denominou de *mudança social*, um conceito que nos permite olhar para as dinâmicas sociais e os processos históricos, culturais, simbólicos que interferem nessas dinâmicas.

De acordo com as observações participativas numa cerimónia fúnebre, notei que o dinheiro está para responder aos problemas do momento, em que as pessoas se encontram, visto que por um lado isso deve-se a não respeito dos planos que os beneficiários traçam, e aos problemas que mais surgem logo no momento que é adquirido este dinheiro, por outro lado.

---

<sup>23</sup> Segundo um membro do conselho consultivo numa conversa com os colegas, sem que se aperceba da minha presença enquanto pesquisador

<sup>24</sup> Literalmente significa desenvolvimento

<sup>25</sup> Um agricultor falando sobre os chefes locais

<sup>26</sup> Entrevista com uma vendedeira de tomate

*Fiz o orçamento de acordo com a época, agora esse dinheiro é pouco, talvez preciso agora do seu dobro. Eles nos fazem não produzir nada, porque o objectivo deles é o reembolso do dinheiro com a taxa de juros. Por isso, nós desviamos os nossos objectivos e fazemos o que nos aparece no momento, seja usar o dinheiro em “xitiques”, plantio de outros produtos não rentáveis, compra de gado para revendermos, abertura de barracas e mais. Eles lá querem saber como você quer fazer realmente com o dinheiro, apenas ganhar lucros connosco nos quebrando... (Anónimo 07.08.12)*

*Se o dinheiro te surge numa fase em que enfrentas certos problemas, não podes dispensá-lo. O dinheiro é como um doce que só de se meter na boca, derrete. O Governo disponibiliza o dinheiro porque acha que há necessidades para tal, então quando nos convidam para pedirmos emprestado, fazemos, independentemente daquilo que se pretende fazer, o importante é devolver. Quem já negou o dinheiro? (senhor Anónimo...08.08.12).*

Os beneficiários aplicam o dinheiro noutras áreas afins (lobolo, festas, viagens), não previstas nos seus planos documentais, devido ao atraso no processo de resposta aos seus pedidos por parte dos Membros do Conselho consultivo.

*“quando se tem dinheiro nas mãos, as coisas ficam mais apetitosas. Não significa que não devolvo o dinheiro, mas não posso deixar o aniversário dos meus filhos passar e não fazer pelo menos um piquinique. Logo que recebi o dinheiro fui ficar um mês em Maputo em casa do meu irmão a relaxar um pouco”*

Porque é que se diz que as pessoas usam o dinheiro para outros fins, além do previsto ou dito na Administração? Esta é uma das questões com que me tenho deparado na comunicação social, e na minha vida quotidiana. Os meus dados avançam possíveis respostas para esta e outras questões.

Tal como se pode ver pelas citações acima colocadas, o dinheiro por vezes atrasa chegar às mãos dos beneficiários, e chegado, é aplicado em função dos problemas imediatos,

do momento. Ao mesmo tempo fui referido o facto de ser difícil guardar o dinheiro “*porque o dinheiro é um doce – é difícil guardar um doce*”.

A falta de um instrumento legal que permite cobrar esse dinheiro por parte do Governo, é resultado da continuação do modelo *top-down* que é manifesto pela transferência de poderes do nível *central* ao *periférico*. Este aspecto leva também à manipulação das formas pré-estabelecidas de aplicação do fundo, e dos objectivos que constam na *Lei n.º 12/2005 de 23 de Dezembro*<sup>27</sup>.

*Quero 70.000 meticais para terminar a minha casa. Vou dizer que quero criar cabritos, e se quiserem fazer inspecção vou lhes levar até ao curral do meu primo. O dinheiro é como se fosse um doce que só de meter na boca derrete, então mesmo que não nos dêem tendo em conta os dias que nós pedimos, não vamos deixar de levar por isso, pois, temos muita coisa para fazer com ele. Devolver deve ser a última coisa com que preocupar*<sup>28</sup>.

Das conversas tidas com todos os informantes beneficiários (por mim contactados), particularmente com dona Jordina<sup>29</sup>, notei que as pessoas não aplicam, às vezes, o dinheiro nos planos previstos devido a uma partilha da ideia de que - *o governo lá está interessado em ver se realmente as pessoas estão a desenvolver ou não, mas ganhar proveito nisso, no momento em que devolvemos o dinheiro em juros (7%)*. Neste sentido, elas são uma máquina que produz dinheiro para os agentes do Governo para responder aos seus objectivos que foram *encapadas* pelas suas linguagens de aparente neutralidade.

Algumas pessoas preferem levar o dinheiro e aplicá-lo em cerimónia de lobolo de pessoas ainda vivas ou mortas, pois, o simbolismo que esta prática representa vai para além dos aspectos visíveis, mas que têm a ver com a definição de laços de familiaridade e afinidades, que mesmo que se lobole uma mulher morta (por obrigação social e

---

<sup>27</sup> Redução da pobreza absoluta com maior incidência nas áreas da saúde, educação, desenvolvimento rural, obras públicas, e particularmente, a descentralização do poder económico e financeiro

<sup>28</sup> Entrevista concedida pelo sr. Mandlaze, 17/10/12

<sup>29</sup> Uma beneficiária que criava frangos, mas que ficou sem dinheiro para reembolsar

simbólica) os laços sociais são ainda fortificados, podendo (o homem a lobolar o corpo morto) se beneficiar de uma outra mulher que faz parte do grupo da falecida.

## 9. Considerações Finais

Dadas as circunstâncias do estudo empreendido (dificuldades de permanência no campo de estudo), a minha pesquisa continua com aspectos a explorar, pois, este trabalho se constitui como um projecto de investigação.

Este estudo sugere que a problemática do desenvolvimento tem de ser vista à luz das interacções que os grupos-alvo estabelecem entre eles, tomando em conta as trajectórias histórico-sociais, sem perder de vista as dinâmicas sociais proporcionadas por estas interacções.

Os dados recolhidos e discutidos, mostram que as hipóteses tomadas em conta fazem sentido no contexto analisado, pois, é nas interacções intra-grupais que os indivíduos constroem categorias representativas entre eles, assim como, eles são transformados numa máquina de produção do capital económico do país.

Constatou-se que as interacções que os habitantes da aldeia de Javanhane apresentam, estão à luz de todo um processo de mudança social, e que estas ocorrem dentro de uma dinâmica social própria, guiada por objectivos e resolução de problemas prioritários.

Constatou-se também que a lógica que está por detrás dos “sete milhões” de meticais reflecte até a um certo ponto aos objectivos pré-traçados nos documentos oficiais, onde estes são apropriados e manipulados em função de outras lógicas socio-identitárias produzida nas dinâmicas interactivas.

Os habitantes de Javanhane interagem entre eles em múltiplos processos sociais, onde negociam os seus valores, objectivos, assumindo novos significados no contexto do desenvolvimento local através dos quais criam e reafirmam o seu *status social* e o seu *self*.

A compreensão dos elementos que intervêm na produção das dinâmicas e processos de mudança, permitem compreender os aspectos conflituantes e consensuais que a sua visibilidade depende da pesquisa etnográfica. Os “sete milhões” de meticais accionam os múltiplos relacionamentos que vão se observando no dia-a-dia entre os agentes desenvolvedores e população em causa, assim como causam conflitos internos entre os indivíduos pertencentes a um determinado grupo social, e estes conflitos contribuem

para a manutenção de uma “coesão social” entre pessoas que defendem uma mesma causa.

Desta forma, os futuros trabalhos poderiam explorar os processos de construção e legitimação do poder de decisão dos Membros do Conselho Consultivo a nível local assim como distrital, por um lado, articulando-os com género e relações de familiaridade, de modo que se capte ideias, valores e formas pelas quais o Conselho Consultivo representa os interesses das populações, pois, a sua análise permite-nos compreender a definição de papéis sociais e as relações de poder em actividades que visam proporcionar mudanças sociais.

Por outro lado, é pertinente procurar compreender o facto de os agentes do governo estarem a enviar equipas de inspecção e extencionistas agrários como forma de prestar atenção ao sector de produção agrícola. Este facto pode estar associado a forma como as políticas públicas estão orientadas, olhando o sector agrícola como o mais importante, embora não tenha sido focalizado. A compreensão deste aspecto, talvez abra um espaço para a compreensão de possíveis situações sociais que não se enquadram nos conflitos nem em situações harmoniosas.



## 10.Referências Bibliográficas

Albino, Carla. 1996. “Mulheres no Desenvolvimento Agrícola: Estudo sobre as actividades agrícolas com enfoque no papel da mulher na aldeia de Javanhane, Distrito de Guijá”. Maputo: UEM. Dissertação de Licenciatura em Antropologia.

Baines, Stephen. 2004. “Antropologia do Desenvolvimento e a Questão das Sociedades Indígenas” In Revista Antropológica, Ano 8, Vol. 15. (2): 29-46.

Bidle, W; Bidle, E, L. 1968. “Estimulo ao desenvolvimento da Comunidade”. Rio de Janeiro: Livraria Agir.

Botão, C.F.S. 2004. “Participação Comunitária e Desenvolvimento rural: o caso da Sasakawa Global 2000. Maputo: UEM-FLCS. Dissertação de Licenciatura em Antropologia

Bourdieu, Pierre. 2006. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Editora Zouk.

Burgess, Robert.1997. “A Pesquisa do Terreno: uma Introdução”. Oeiras: Celta Editoras Lda.

Cáceres, Diana et al (Coord.). 2007. “Desenvolvimento Económico Local em Moçambique m-DEL para a Planificação distrital: Um método para identificar potencialidades económicas e estratégias para a sua promoção”. Chimoio/Berlim. Vol.1

FORQUILHA, Salvador Cadete (2009). *Reformas de Descentralização e Redução da Pobreza num Contexto de Estado Neo-patrimonial. Um olhar a partir dos Conselhos Locais e OIIL em Moçambique*. In: II Conferência do IESE, “Dinâmicas da Pobreza e Padrões de Acumulação em Moçambique”, Maputo.

Machava, F.D. 2011. « Contribuição do Fundo de Desenvolvimento Distrital no Âmbito do Distrito Pólo de Desenvolvimento : caso do distrito de Marracuene, 2007-2010”. Maputo : UEM. Dissertação de Licenciatura em Administração Pública

Coelho, L. A. M. 2007. "Associativismo e Desenvolvimento Local : O caso de Ribeira de Pena". Lisboa. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Local. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Comèliau, Christian. 1993. "Pour un Renouveau de l'étude du Développement" In *Revue Tiers Monde*. Paris, XXXIV, pp. 687/701.

Fischer, Gustave-Nicolas. 1992. "A Dinâmica Social: Violência, Poder, Mudança". Lisboa: Planeta Editora

Gardner, K, Lewis, D, 1996. "Anthropology, Development and the Post- Modern Challenge". London: Pluto Press.

Garfinkel, Harold. 1967. « Studies in Ethnomethodology » In Mitchell, G. Duncan (org.). *Novo Dicionário de sociologia*. Porto e Lisboa: Editora Rés, Universidade de Exter. Pp.212-214

Gluckman, M. 1963. "Rituals of Rebellions in South-East Africa" In *Gluckman, M. 1963. Order and Rebellion in tribal Africa*. London.

Gluckman, Max. 1961. "Ethnographic Data in British Social Anthropology" *Sociological Review* 9: 5-17

Lopes, C.H.A; Jorge, M.S.B. 2005. "Interacionismo Simbólico e a Possibilidade para o Cuidar interactivo em Enfermagem". São Paulo: USP. 39(1): 103-108.

Menezes, M.P. 1986. "Os Outros e Nós : A questão do Acesso, Uso e Gestão dos Recursos naturais em Licuatí" in B. Santos, J.Trindade (org.), *Conflitos e Transformação social : Uma paisagem das justíças em Moçambique*. Maputo e Coimbra : CEA e CES.

Milani, C. 2003. "Teorias do Capital Social e desenvolvimento: Lições a partir da experiência de pintadas (Bahia) ". Brasil. IV Conferência Regional ISTR-LAC, 8-10/10/2003, San José

Ministério de Planificação e Desenvolvimento. 2009. "A Execução do Orçamento de Investimento de Iniciativa Local (sete milhões) – Orientações metodológicas". Maputo.

---

\_\_\_\_\_. 2008. *Relatório Balanço de Actividades no Âmbito do Orçamento de Investimento de Iniciativa Local*, Maputo.

Moisés, A.J. 2003. "Desenvolvimento e Comunidade (s) : Interação e Conflitos num Projecto para a Gestão Comunitária de Recursos Naturais : o caso de Goba, Maputo 1997-2002". Maputo. Dissertação de licenciatura em Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane-FLCS.

Muls, Leonardo M. 2008. "Desenvolvimento, Espaço e Território: O conceito de Capital Social e a Importância da Formação de Redes entre Organizações e Instituições Locais". Brasília: DF. Vol.9, nº1. Pp.1-21

Mussane, G., 2002. "Impacto dos Projectos de Desenvolvimento Rural nas Redes Sociais- O caso do projecto Licuáti (Djavula-1997/2002) ". Maputo. Dissertação de licenciatura em Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane-Faculdade de Letras e Ciências Sociais.

Neves, José Luís. 1996. "Pesquisa Qualitativa: Características, usos e possibilidades". São Paulo: Caderno de Pesquisas em Administração, vol 1 (nº3)

Oliver-Sardan, J, P. 1995. "Anthropologie et Développement: Essai en Socio-anthropologie du Changement Social". Paris: Karthala.

Palma, Glória Maria. 2004. "O Interacionismo nas Pesquisas Linguísticas: Características e Procedimentos".

Parbato, T.M. 2009. Participação Comunitária em Projectos de Desenvolvimento Local : o caso da Associação Irmãos Unidos de Morrumbene. Maputo. Dissertação de licenciatura em Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane-Faculdade de Letras e Ciências Sociais.

Peirano, M. 1992. *A Favor da Etnografia*. Brasília : Série Antropológica. Pp, 1-21

Pinto, costa, 1965. "Sociologia e Desenvolvimento: Temas e problemas de nosso tempo". Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2ª ed.

Richardson, Robert Jarry et al. 1999. “Pesquisa social: Métodos e Técnicas”. São Paulo: SARDIC- WIDSAA (2001) *Para além das Desigualdades: A Mulher na África Austral*. Harare: SARDIC. 3ª Ed

Rocher, G. 1989. *Sociologia Geral: Mudanças e Ação Histórica*. Lisboa: Editorial presença

Sandes, Zaqueo. 2011. “7 Milhões”: Revisão do Debate e Desafios Para a Diversificação da Base Produtiva”. Maputo: IESE. Pp.1-22

Santos Silva, Augusto. 1986. “A Ruptura Com o Senso Comum nas Ciências Sociais” In Santos Silva e Madureira Pinto, *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento, pp. 29-53.

Schitheler, Célia R.B. 2004. “Redes de Desenvolvimento comunitário: Iniciativa para a transformação social”. São Paulo: Global Editora (IDIS).

Schröder, Peter. 1997. “Antropologia do Desenvolvimento: É Possível falar de uma subdisciplina verdadeira?” In *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, Vol.40 N°2

Valá, S. 2009. “O Orçamento de Investimento de Iniciativa Local e a Dinamização da Economia Rural em Moçambique: Resultados, desafios e Perspectivas” in *Revista Científica Inter-Universitária Economia, Política e Desenvolvimento* (2010), Vol 1, N 2. Maputo.

Van Valsen, Jean 1987. “A Análise Situacional e o Método de Estudo de Caso Detalhado” in Feldman-Bianco, Bela. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos*. São Paulo: Global. 345-374

Wedel, Janine et al. 2005. “Towards Anthropology of Public Policy”, *The Annals of the American Academy of Political and Social Sciences*, 600, (July): 30-51.

Whorf, Benjamin Lee. 1971. “Lenguaje, Pensamiento y Realidad”. Barcelona: Barral Editores.

Yañez-Casal, A. 1996, "Antropologia e Desenvolvimento : As aldeias comunais de Moçambique". Lisboa : IICT.

\_\_\_\_\_. 1991. *Antropologia e Desenvolvimento*. Lisboa : Universidade Nova de Lisboa.

## 11. Anexos

Imagem 1 (Requerimento; descrição de Actividades, e Declaração).

EXMO SENHOR PRESIDENTE DO CONSELHO CONSULTIVO DO DISTRITO DE GUIJÁ

Jaime Maiva Cuamba de 52 anos de idade, filho de Maiva Cuamba e Wecelina Maibombi, residente no Posto Administrativo de Chivongoene Aldeia /bairro Chibabel Bairro 2 titular de BI N° 0906012288225 emitido pelo Arquivo de Identificação Civil de Beira vem mui respeitosamente solicitar a V.Excia o financiamento do projecto de a) Produção de milho inserido no programa de luta contra a pobreza absoluta no distrito, num valor de 100.000,00 MT (Cent mil mticais), e comprometendo-se a reembolsar o mesmo em b) 4 prestações de mês de Abril a 2012 ate Agosto de do ano 2013.

Espera deferimento

Guijá aos 28 de Setembro de 2011

O beneficiário  
Jaime M. Cuamba

destina-se à: (Produção de comida/revolução verde, geração de emprego sustentável)

Beneficiário: J. Cuamba Contacto: 827958986  
Área de Act. - Agricultura  
Relação das operações/Produtos do Projecto.

Produto/Operação	Quantidade	Valor Unit	Valor TOTAL
- Lavouras	4 ha	2.000,00	10.000,00
- Gradagem	4 ha	1.250,00	5.000,00
- Semente	4 ha	1.250,00	5.000,00
- Enxarcamento	4 ha	600,00	2.600,00
- Adubo verde	800 kg	36,00	28.800,00
- Diesel	1000 l	40,00	40.000,00
- Óleo lubrificante	20 l	150,00	3.000,00
- Moschales/Injeções	-	-	500,00
<b>São:</b> <u>Cent mil mticais</u>			<b>100.000,00</b>

NTs: As necessidades k não constam na presente relação, mas indispensáveis para a execução do Projecto, serão custeadas pelos fundos próprios do beneficiário

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE  
PROVÍNCIA DE GAZA  
GOVERNO DO DISTRITO DE GUIJÁ  
SERVICO DISTRITAL DE ACTIVIDADES ECONÓMICAS

DECLARAÇÃO

Para devidos efeitos e a pedido do interessado, declara-se que o nacional de nome Jaime Maiva Cuamba, portador do recibo do BI n° 87334406, residente no 2º Bairro da Aldeia comunal de Chibabel, é Agricultor reconhecido neste Serviço explorando uma área de 8 ha em Chibabel, Posto Administrativo de Chivongoene.

Por ser verdade, passou-se a presente declaração que vai devidamente assinada e autenticada com carimbo a tinta de óleo em uso neste Serviço.

NB: Estas fotos foram extraídas dos documentos oficiais da Localidade de Chibabel, aldeia de Javanhane no dia 18/10/12 com a permissão da Chefe e seu respectivo elenco administrativo.